

## OS CAMPOS DO OURO DO MONOMOTAPA NO SÉCULO XVI (\*).

---

O Monomotapa, terra misteriosa e rica dos sertões de Sofala, prendeu e apaixonou os portugueses do século XVI. Sertanejos, mercadores, militares e missionários, viveram nessa enigmática e aliciante região do Índico africano, drama intenso, comoção constante. A alta febre do ouro assaltou e aqueceu todos os cérebros. A preocupação foi geral. Mouros e cristãos lutaram pela posse das minas do poderoso império negro do oriente africano. As fabulosas riquezas auríferas fizeram do Monomotapa uma das presas mais cobiçadas da Antigüidade, da Idade Média e do Mundo Moderno. As suas minas de ouro atraíram e fascinaram os grandes impérios africanos e asiáticos desde os mais recuados tempos. A Etiópia, a Arábia, o Egito e a Índia, abasteceram seus tesouros com o precioso metal amarelo resgatado nos sertões auríferos de Sofala (1).

A loucura e a fascinação foram de todos os tempos. Na ânsia de possuírem o metal fino, os grandes impérios tomaram contacto com a terra, reconhecendo as vantagens do seu domínio económico e político. A miragem do ouro em pó, que se apanhava nas terras de aluvião ao longo dos rios, constituiu eterna obsessão. Por isso não admira que a partilha das regiões auríferas do Monomotapa pelas grandes potências asiáticas, africanas e europeias, acarretasse enormes contradições no quadro das relações internacionais.

Mas, afinal, onde ficava o Monomotapa? Quais as suas exatas fronteiras? Por onde se estendiam as terras do enigmático e famoso império negro da África índica? Eis um problema de geografia histórica de difícil solução. Graças ao exaustivo trabalho de coordenação de crônicas, roteiros e correspondência oficial, sabe-se que o planalto da Machona, hoje integrado no território da Ro-

(\*) — Comunicação apresentada ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa em setembro de 1957 (Nota da Redação).

(1). — Cf. Vincent, W. — *The Periplus of the Erythrean Sea*, v. I, págs. 216 e segs., Londres, 1800; Fournier, J. — *Les Indes jusqu'à l'arrivée d'Albuquerque*, págs. 227 e segs. in Jacques Lacour-Gayet, *Histoire du Commerce*, t. III, ed. SPID, 1953; Lemosse, M. — *Le commerce antique jusqu'aux invasions arabes*, págs. 17 e segs., *ibidem*, t. II, 1950.

désia do Sul, fôra outrora o centro de um poderoso império negro denominado Monomotapa, que se estendia vagamente da Bechua-na ao litoral, e do Zambeze ou rio Cuama ao Limpopo (2).

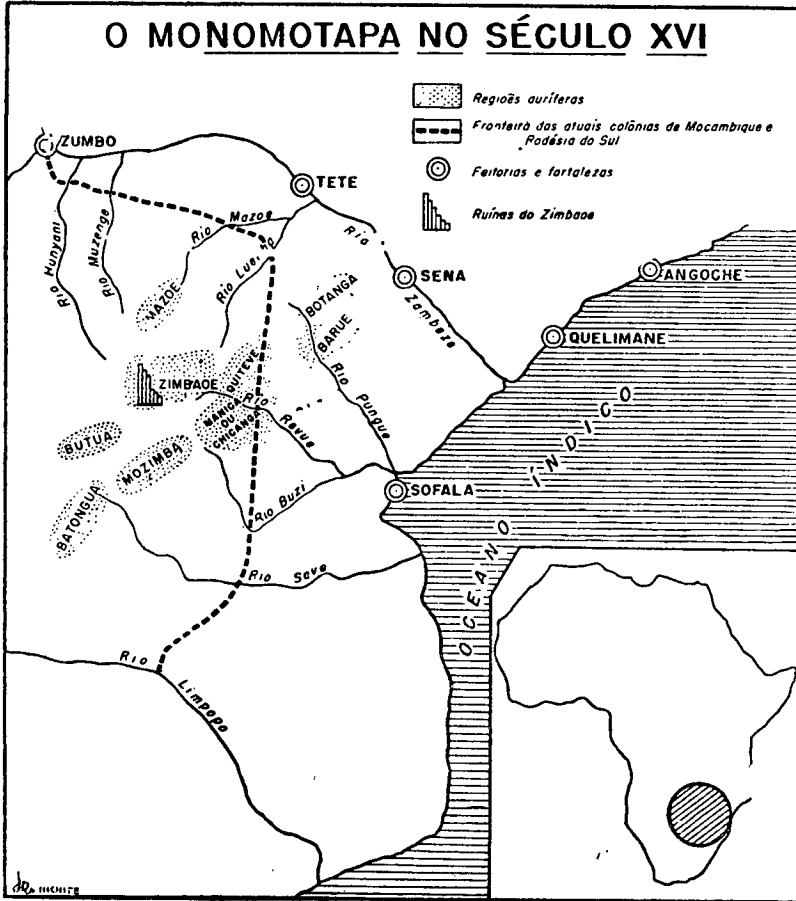
O grande império, avançando Zambeze acima até além do Zumbo, estendia-se por uma vasta e rica área geográfica que teria mais de duzentas léguas de comprimento e outras tantas de largura (3). Antônio Bocarro, referindo-se à extensão do império, afirma que tinha mais de trezentas léguas de circuito (4). O território achava-se dividido em vastos reinos administrados por poderosos régulos, em tôrno dos quais gravitavam senhorios menores a que chamavam “encoses”. Todos êsses príncipes eram vassallos do grande Monomotapa — “o senhor de tudo” (5). O cronista Barros alude, igualmente, à imensidão e riqueza do império (6).

No entender de H. Labouret (7), o Monomotapa corresponderia à atual província de Vitória, na Rodésia do Sul, o que julgamos inaceitável. Êsse autor, certamente, ignora a documentação portuguesa, especialmente a instrutiva carta que Diogo de Alcaçova, feitor de Sofala, escreveu de Cochim, a 20 de novembro de 1506, a D. Manuel (8). Alcaçova ministra a seu rei circunstanciadas notícias sôbre o Monomotapa. A terra do ouro é o país de Vealanga, compreendido entre os rios Limpopo e Zambeze (Cuama), onde os régulos e indumes reuniam, na sua vizinhança, grandes aldeamentos, ao passo que pelo império se dispersavam povoações menores. Ao darmos crédito ao relato de Alcaçova, a própria Sofala faria parte integrante do poderoso império negro (9).

A carta é deveras minuciosa. Alcaçova relata a D. Manuel o que fêz, enquanto trabalhou com Pero da Naia, e como as suas no-

- (2). — Veja-se o mapa segundo os documentos de Veloso e Almada interpretados por Tracey, e mencionados nas páginas que se seguem. A hidrografia e distribuição das áreas auríferas devem-se, ainda, à coordenação dos informes dos cronistas, ao mapa de 1861 do Visconde de Sá da Bandeira sôbre Zambezia e Sofala e, finalmente, ao fac-símile de uma carta inédita manuscrita dos fins do século XVII referente ao Monomotapa existente na Secção de Geografia da Biblioteca Nacional de Paris. Graças à extrema gentileza de Alberto Iria, diretor do Arquivo Histórico Ultramarino, obtivemos, em Lisboa, duas valiosas cópias dêstes mapas.
- (3). — Santos, Frei João dos — *Ethiopia Oriental*, v. I, L. II, cap. X, pág. 199, Lisboa, 1891. Note-se que o cronista escreveu em 1609, ano em que o Monomotapa já se encontrava descentralizado e enfraquecido. Nas primeiras décadas do século XVI, o império seria bem maior.
- (4). — Década 13a. da *História da Índia*, pág. 537, Lisboa, 1876.
- (5). — *Ibidem*.
- (6). — Década I, L. X, cap. I, pág. 396, Lisboa, 1945.
- (7). — L'échange et le commerce dans les archipels du Pacifique et en Afrique Tropicale, pág. 97, in Jacques Lacour Gayet — *Histoire du Commerce*, t. III, cit. ed.: *Histoire des Noirs d'Afrique*, pág. 87, Paris, 1946.
- (8). — A. N. T. T. C. C. P. 1a., M. 5, n.º 118; A. D. A. N. T. T. págs. 153 e segs.
- (9). — “O regno senhor, em que ha o ouro que vem a Cofala esse chama Vealanga e he regno muyto grande em que ha muytas villas e a propria Cofala he deste regno” (*Ibidem*).

# O MONOMOTAPA NO SÉCULO XVI



tícias foram colhidas no próprio local, quando feitorizava os estabelecimentos de Sofala.

Descrevendo os campos auríferos da terra que chama Vealanga, indica uma vasta área geográfica da África do Sul entre o Limpopo e o Zambeze. Neste imenso círculo mal desenhado discernimos, como já o notou Sydney R. Welch (10), o que hoje conhecemos como Matabelelândia, Machonalândia e a parte do território português de Moçambique, ao sul da grande via fluvial do Zambeze. Os limites exatos desta enorme área geográfica, onde se encontram os territórios da atual África Oriental portuguesa e a Rodésia do Sul, jamais foram fixados. Assim sendo, é difícil, senão impossível, determinar as exatas fronteiras do enigmático império negro. Para o Ocidente, até onde iam as terras do famoso Monomotapa? Até às vizinhanças dos pântanos de Chobe e bordas do deserto do Kalahari, como conjectura José Tôres (11)? Não sabemos. Qualquer resposta apressada ficaria no romance geográfico.

O relêvo do Monomotapa é acidentado. Os sertões da dorada Sofala acham-se dominados pelas altas mesetas de Matabelé — topografia de transição entre as atuais mesetas “boers” do sul e as mesetas tropicais do norte. A enorme espinha dorsal de Matabelé, que domina as terras compreendidas entre o Zambeze e o Limpopo, é constituída por uma resistente massa cristalina que se orienta de sudoeste para nordeste, entre 1.200 e 1.700 metros, cujas extremidades estão hoje indicadas pelas cidades de Salisbury e Bulavayo. Para o oriente, a meseta se apóia num majestoso maciço integrado pelas altiplanícies de Manica e do Inyanga, as quais culminam a 2.700 metros, dominando em forma de acantilados os terrenos que limitam as atuais planícies de Moçambique. No interior o sub-solo da região é arcaico, onde dominam os granitos e gneis, os quais, por sua grande resistência, originaram os relevos cristalinos. Neles se encontram as cuarcitas auríferas, cujos filões constituíram a atrativa riqueza do Monomotapa. Na costa encontram-se as conhecidas areias quaternárias (12).

Ali encontraram os europeus condições climatológicas favoráveis. As chuvas são de verão e de acentuado caráter tropical. O mapa pluviométrico apresenta, hoje, a seguinte distribuição: 500 a 1.000 mm nos sertões, e de 1.000 a 1.500 nas regiões da costa

---

(10). — *South Africa under King Manuel*, pág. 221, Cape Town, 1943.

(11). — Esboço de estudo da penetração portuguesa na África Oriental no século XVI, pág. 23, in I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, 4a. secção, Lisboa, 1938.

(12). — Cf. Maurette, F. — *África Ecuatorial, Oriental y Austral*, págs. 157 e segs., t. XVI da trad. esp. da Geog. Universal de P. Vidal De La Blache e L. Gallois, Barcelona, 1948.

(13). A hidrografia é representada pelos rios Zambeze, Limpopo, Revué e Save, que descem das altas mesetas de Matabelé em direção ao Índico, quase em forma retilínea. Numerosos tributários engrossam essas três vias fluviais que regam as terras do Monomotapa, cuja paisagem vegetal é dominada pela savana tropical e pela estepe arbustiva (14).

O elemento humano era representado pelos bantus. De onde procedem? Segundo sabemos, não são originários da África do Sul, mas emigrantes, tal como os boximanos, hotentotes e europeus. Teriam vindo do norte, das regiões dos grandes lagos da África Central. Dali emigrariam para o sul, em vagas sucessivas, atravessando o Zambeze em períodos diferentes. Hoje os seus descendentes encontram-se numa vasta área geográfica que se estende do Nilo ao Cabo, e do Atlântico ao Índico. Os principais representantes das tribos bantas da África do Sul são, atualmente, os matabeles da Rodésia do Sul, os suázis, os zulos e fingoses da costa entre os rios Limpopo e Kei, as tribos da Bechuanalândia conhecidas por betchuanas e a nação dos bassutos (15).

Os principais gêneros de vida eram a agricultura, o pastoreio, a caça, a pesca e a mineração. Ouro, marfim e escravos constituíam as grandes riquezas, verdadeiras cumieiras do gigantesco edifício econômico do Monomotapa. A África do Sul, como se sabe, dada a sua fartura em animais selvagens (leões, leopardos, elefantes, crocodilos, etc.) e em metais (ouro, prata e cobre) constituiu sempre um admirável território de caça e mineração.

As grandes vias fluviais, entretanto, particularmente o Zambeze e alguns dos seus tributários, graças às suas espécies piscatórias, alimentavam boa parte das populações bantas da costa e dos sertões. Apesar da caça, da pesca e da mineração, o grande gênero de vida era a prática agrícola associada ao pastoreio. A maior parte das tribos fundam a sua principal riqueza no cultivo da terra e na criação de gado vacum e caprino. Por isso é que os bantus são semi-nômades, associando ao pastoreio o sedentarismo das práticas agrícolas (16).

Da costa até às altas mesetas dos sertões se sucedem todos os climas tropicais e solos favoráveis aos cultivos tropicais e sub-tro-

---

(13). — *Ibidem*.

(14). — *Ibidem*.

(15). — Cf. Molema, S. M. — *The Bantu, Past and Present*, págs. 9 e segs., Edimburgo, 1920; Hestermann, F. — *Die Deutsche Afrikanistik*, págs. 37 e segs., Hamburgo, 1929; Welch, *South Africa...*, págs. 281 e segs.

(16). — Ainda hoje a produção oriunda da agricultura e da criação de gado alimenta o comércio da colônia portuguesa de Moçambique. Em Lourenço Marques, Inhambane, Beira e vale do Zambeze, estendem-se os campos de cana de açúcar; na Beira e no baixo Zambeze, encontram-se os algodões; e, por toda a parte, os cultivos de mandioca e arroz subordinados à alimentação local.

picais. O cronista Barros (17) alude à terra montanhosa do Monomotapa, de clima temperado, saudável, densamente povoada e fértil. Um documento guardado na Biblioteca de Évora, assinado por Manuel César Pereira (18), possivelmente datado dos primeiros anos do século XVII, realça a fertilidade dos campos do Monomotapa em trigo, açúcar e legumes. Outrossim, descreve os arredores de Sofala, ricos em romeiras, figueiras e hortas (19). A terra montanhosa, em algumas partes abertas por onde se estendem vastas planícies, era rica em cobre de excelente lei. A mineração do cobre era a mais incipiente. Os indígenas separavam o metal das rochas, levando-as ao fogo. O relato de César Pereira refere-se ainda às minas de prata das serras de Chicova, e à abundância de marfim e âmbar, preciosa substância resinosa e aromática que tem a consistência da cêra (20).

Sobre a criação de gado, o cronista Góis (21) ministra circunstanciadas notícias, aludindo, outrossim, à incipiente agricultura de subsistência e à abundância de árvores frutíferas, especialmente figueiras e romeiras. Mas os bantus eram, sobretudo, pastores. Viviam da criação de gado, dispensando particular atenção ao gado *vacum* (22).

Frei João dos Santos, na sua mencionada crônica (23), também faz menção à fertilidade da terra que êle visitou nos primeiros anos do século XVII. O abnegado missionário encontrou em Sofala e nos seus arredores extensas hortas e pomares. O que mais o maravilhou foram as figueiras carregadas de figos prêtos durante todo o ano. Refere-se às parreiras que davam uvas duas vezes por ano — em janeiro e em junho. As laranjeiras, romeiras, limeiras, manjaricões, jasmims com flôres brancas, ananazes, coqueiros e canaviais que se estendiam ao longo dos rios, despertaram a atenção do cronista que menciona, ainda, a riqueza da terra em milho, arroz, batatas, feijões e gergelim que aproveitavam para fazer azeite (24). Valoriza igualmente o óleo de coco com que os cafres curavam as feridas, “o qual arde melhor e dá mais lume que o de oliveira” (25).

---

(17). — Década I, L. X, cap. I, págs. 392 e segs.

(18). — Discurso sobre a conquista das minas do Monomotapa, págs. 593 e segs., in Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa, 8a. série, n.ºs 9 e 10, 1888-1889.

(19). — *Ibidem*.

(20). — Há várias espécies de âmbar. O de cor parda, concreção intestinal dos chalotes, tenaz, flexível e de cheiro análogo ao do almíscar. O âmbar amarelo — resina fóssil, quebradiça, semi-transparente, com que se fabricam rosários e outros artigos.

(21). — *Crônica de D. Manuel*, P. II, Cap. X, pág. 31, Coimbra, 1926.

(22). — Tôrres, J. — art. cit., pág. 27.

(23). — V. I, L. I, cap. IV, págs. 49 e segs.

(24). — *Ibidem*, pág. 50.

(25). — *Ibidem*.

O cronista afirma que ao longo do rio de Sofala (26) estendiam-se vastos pomares de laranjeiras e limoeiros. Os indígenas, com suas embarcações abarrotadas de frutas, desciam o rio até a costa onde negociavam o produto com as populações locais. O sumo de limão era mercadoria altamente comerciável. Adquirido pelos portugueses de Sofala, era enviado em barris para a Índia, onde os indianos o empregavam na alimentação, misturado com arroz (27).

Consta ainda que os cafres bebiam vinho de milho, que embebedava facilmente. Comiam carne de galinha que criavam em abundância. As galinhas constituíam excelente forma de pagamento dos panos de Cambaia que os mercadores mouros e cristãos negociavam no interior. Frei João dos Santos informa que por um pano prêto os cafres davam, com muito gôsto, 12 galinhas — às vezes 16 e 18, “quando se as vão comprar no interior” (28). Valendo o pano dois tostões, saía cada ave a 11 réis (29), sem dúvida um bom negócio.

Ao longo dos vales dos rios, os cafres semeavam e cultivavam algodões, com os quais fabricavam certos panos grosseiros, chamados “machiras”. Possuíam ainda extensos canaviais. Conheciam a cana, mas ignoravam o fabrico do açúcar — fato igualmente notado pelos cronistas Frei João dos Santos (30) e César Pereira (31). A canafístula abundava. Os rios, muito ricos em peixe, (taíñas, cações e salvelhas) forneciam boa parte da alimentação (32).

A gente do povo vestia panos de algodão. A nobreza, entretanto, usava trajos de sêda com ricos vivos de ouro, e o preço de cada vestimenta era de 20 cruzados (33). Os panos de sêda, e a maior parte dos de algodão, iam da Índia (34).

Pôsto isso, vê-se que, ao contrário do que poderá supor o observador desprevenido, a mineração do ouro para os cafres não constituía a principal riqueza da terra. Não. Os intrusos europeus, mulçumanos, etiopes, egípcios e indianos, é que consideravam o rico metal amarelo a grande atração. E' que o ouro era o mais valioso instrumento de aquisição de riqueza, senão a própria riqueza. As avançadas classes econômicas do Oriente e do Ocidente tinham fo-

- 
- (26). — Das altas mesetas dos sertões desciam até às proximidades de Sofala três rios que desaguavam no Índico: o Save, o Pungué e o Revué que engrossava o Buzi. (Veja-se o mapa...). A qual dêtes se refere Frei João dos Santos? Qual seria o rio de Sofala do cronista? O mais próximo da cidade é o Buzi, continuado pelo Revué. Será êste rio? Afigura-se-nos que sim.
- (27). — *Op. cit.*, v. I, L. I. cap. IV, pág. 51.
- (28). — *Ibidem*, pág. 52.
- (29). — *Ibidem*.
- (30). — *Ibidem*.
- (31). — Discurso..., págs. 539 e segs.
- (32). — Santos, Frei João dos — *op. cit.*, v. I, L. I, cap. V, págs. 179 e seg.
- (33). — Barros — Década I, L. X, cap. I, pág. 395.
- (34). — *Ibidem*.

me de ouro — fome insaciável. O ouro era, mais do que outra qualquer riqueza, o grande instrumento regulador das trocas à distância. Nele encontravam mouros e cristãos a melhor forma de pagamento. Por isso não admira que as douradas terras do Monomotapa sofressem tôdas as resultantes advindas da partilha política das grandes potências. Os seus ricos depósitos auríferos constituíam enorme atração. Sem ouro, todo o edifício dos poderosos impérios estaria, fatalmente, condenado à estagnação econômica. Por isso é que os sertões de Sofala atraíram ao aliciante e enigmático Monomotapa uma série contínua de ofensivas de natureza comercial. O ouro era a grande força que chamava a si as atenções dos grandes impérios.

Infelizmente, muito pouco sabemos da história desses empreendimentos que visavam organizar no interior de Sofala os lucrativos resgates do ouro. O tema permanece ainda em aberto, quase inteiramente virgem. O intrincado matagal acha-se ainda por desbravar.

Quais as áreas das minas? Onde ficavam os ambicionados depósitos auríferos? Quais as formações geológicas que guardavam o ouro? Como os cafres mineravam o precioso metal amarelo? Quais os senhores do ouro? Vejamos o que nos é possível dizer, dentro das estreitas balisas de uma comunicação.

Ao tempo de Alcaçova (1506), quando os caixeiros-viajantes de D. Manuel principiaram a organizar em sólidas linhas a penetração continental, atraídos pelo ouro dos sertões, o grande senhor das minas era o potentado negro chamado Quesaringo Monomotapa. A sua principal povoação ficava a 24 dias de viagem de Sofala, em pleno sertão, nas vizinhanças das ruínas do Zimbaó (35).

Quando os pioneiros portugueses tomaram contacto com a terra, encontraram no interior de Sofala o poderoso império politicamente centralizado. Mas, nos primeiros anos do século XVII, em 1609, Frei João dos Santos já o encontrou desmembrado. Nos ricos campos de Mocaranga, outrora pertencentes ao Monomotapa, haviam surgido novos reinos inteiramente independentes do poderoso régulo: Quiteve, Sedanda e Chicanga.

O desmembramento político do império fôra feito por um Monomotapa que dividira os seus vastos territórios com seus três filhos: Quiteve, recebeu as terras ao longo do rio de Sofala (36); Sedanda foi aquinhoado com a região regada pelo Sabié, que confina com o reino de Botonga; e a Chicanga foram dados os ricos

---

(35). — Cf. Carta de Alcaçova..., pág. 155.

(36). — J. Tôrres (*op. cit.*, pág. 21), identifica o rio Sofala com o Buzi. Veja-se o mapa.



campos de Manica, onde se encontravam os mais valiosos depósitos auríferos (37).

Quando os agentes manuelinos chegaram aos sertões de Sofala, todos os potentados negros ao sul do Zambeze eram vassallos do poderoso Monomotapa. Ao norte da grande via fluvial havia um outro império negro que, tudo indica, seria inimigo do Monomotapa — era o Marave ou Moenemuge (38), cujas terras correspondem, grosso modo, à atual Rodésia do Norte. O Zambeze era a fronteira natural que separava êsses dois grandes impérios negros. Os calculistas mercadores cristãos preferiram, é claro, estabelecer-se nos dourados campos do Monomotapa. Ali havia ouro aguardando resgate. As extensas formações geológicas ao sul do Zambeze continham ouro que as terras agrestes do Marave não possuíam. Ademais, as excelentes vias fluviais de acesso que levavam os mercadores até às regiões das minas, fielmente representadas pelos rios Zambeze, Save, Buzi e Revué, facilitavam a ação comercial dos brancos. Assim sendo, o Monomotapa era um “Eldorado”. Em contrapartida, o Marave era uma incógnita.

Em tôdas as terras do império havia ouro. As áreas dos mais ricos depósitos auríferos circunscreviam-se, entretanto, a uma vasta região geográfica representada pelas manchas geológicas situadas nas vizinhanças dos reinos de Butua, Mazói, Manica, Quiteve, Mozimba, Botonga, Batougua e Barué (39).

As minas mais próximas de Sofala eram as de Manica — ficavam a 50 léguas da costa. As de Boro e Quitecuy, a 100 e 200 léguas de Sofala, eram as mais afastadas (40). Pertenceriam ao régulo de Butua.

As regiões auríferas de Manica, que os portugueses e mouros alcançavam, aproveitando-se dos trechos navegáveis dos rios Save, Zambeze, Buzi e do seu afluente Revué, estavam cercadas de montanhas (41). O ouro minerado em Manica pelos cafres era em pó. Nas comarcas de Boro e Quitecuy, o ouro era mais grosso, aparecendo em ricos veios de rochas. Geralmente era minerado durante o inverno. Mas ali havia ainda preciosos aluviões que no verão eram recolhidos dos leitos dos rios e em cuja lama se encontrava escondido o precioso metal amarelo (42).

O reino de Manica, também chamado Chicanga, a apenas 18 dias de Sofala, continha tôda a vertente do planalto que constitui

---

(37). — Cf. Santos, Frei J. dos — *op. cit.*, v. I, L. II, cap. X, pág. 198.

(38). — Paiva y Pona, A. P. de — *Dos Primeiros Trabalhos dos Portuguezes no Monomotapa*, págs. 9 e segs., Lisboa, 1892.

(39). — Vide mapa.

(40). — Cf. Barros — *Déc. I, L. X, cap. I, págs. 392 e segs.*

(41). — *Ibidem*, pág. 393.

(42). — *Ibidem*.

hoje a Rodésia do Sul. As terras de Manica, graças às suas formações geológicas, guardavam os mais ricos depósitos de ouro da África Índica. O procurado reino negro, vassalo do Monomotapa, estendia-se para o interior até um limite que não é possível precisar com exatidão, mas que tudo indica se limitava com os reinos de Quiteve, Butua, Mazói e Mozimba (43).

O grosso do ouro resgatado pelos feitores manuelinos em Sofala, por volta do ano de 1506, era oriundo das terras pertencentes a um poderoso régulo chamado Emir Toloa, cuja povoação ficava nas terras altas dos sertões, entre os montes Machona, fonte e centro dos grandes depósitos aluviais (44).

Os machonas e outras tribos negras ao sul do Zambeze eram os senhores do ouro. As áreas das minas da Machona dispunham-se num vasto semi-círculo correndo para oeste e sul, fielmente representado pelos centros auríferos de Makaha, vale do Mazói e Bellingwe (45). Como já o notou Tracey (46), ainda hoje o ouro aluvial é procurado pelos indígenas nos pequenos cursos de água que descem das vertentes das montanhas situadas nas vizinhanças da atual serra Nyanga, no lado português da fronteira.

Ouro havia em qualidade e em abundância. Mas as constantes guerrilhas entre os régulos, especialmente provocadas pelas desavenças do Monomotapa com o Emir Toloa, prejudicavam os resgates. Daí a maneira e calculista política pacifista seguida por D. Manuel, com o claro intento de garantir o trato do ouro.

Já em 1506 Alcaçova, na sua mencionada carta endereçada ao rei, lembrava, com insistência, a necessidade de se encontrar um meio que pusesse termo às constantes lutas entre os cafres do interior que tanto prejudicavam os resgates de Sofala. Quando os potentados negros entravam em guerra, os mercadores cristãos não se aventuravam a penetrar até às feiras dos sertões. Igualmente, os cafres deixavam de visitar os estabelecimentos comerciais da costa. Havia, assim, uma pernicioso retração do trato. Os resgates sofriam, então, distorções imensamente prejudiciais para a Corôa portuguesa. A paz entre os régulos precisava ser mantida — estava na ordem do dia, em caráter de urgência. E nisto, tanto mouros como cristãos estavam de acôrdo. O perspicaz Alcaçova informava D. Manuel que, quando os régulos do sertão viviam em paz, nada menos de um milhão de miticais de ouro eram anualmente embar-

(43). — Cf. Carta de Gaspar Veloso a D. Manuel, datada de Sofala em 1515, in A. N. T. T. — Cartas dos Vice-Reis da Índia, P. I-162. Este documento achase transcrito, na íntegra, in Tracey, Hugh — *António Fernandes descobridor do Monomotapa* (1514-1515), págs. 20-30, trad. port., ed. do Arquivo Hist. de Moçambique, 1940.

(44). — Carta de Alcaçova..., págs. 154 e segs.

(45). — Cf. Tracey — *op. cit.*, págs. 39 e segs.

(46). — *Ibidem*.

cados no pôrto de Sofala, sendo que às vêzes o montante atingia a 1.300.000 miticais (47), sem dúvida um bom resgate, e sinal evidente do intenso tráfico.

O ouro resgatado pelos portugueses nos estabelecimentos comerciais de Sofala (48) não provinha apenas das ricas minas de Manica ou Chicanga. Não. Para a costa ia ouro de tôdas as terras auríferas do Monomotapa, especialmente dos seguintes reinos negros, senhores de vastos territórios, cujas formações geológicas continham o precioso metal amarelo: Barué, Inhaconce, Ançoca, Mozói, Butua, Batongua, Quiteve, Mozimba e Botonga (49). As áreas dos depósitos do ouro eram, como se vê, bem largas. As manchas geológicas auríferas estendiam-se por quase todo o sertão do Monomotapa.

O cronista Góis (50) afirma que as minas mais antigas eram as de Toroa, pertencentes ao régulo de Butua chamado Burró. Ficavam na comarca de Toro.

Por volta de 1515 e 1516, época em que Gaspar Veloso escreveu de Sofala a D. Manuel (51), nas ricas terras de Butua, ao longo dos tributários do rio Hunyani cujas águas engrossavam o Zambeze (52), os cafres mineravam ouro em abundância. Tracey (53), apoiando-se nas circunstanciadas informações do sagaz Veloso, afirma que o régulo de Butua era tão rico e poderoso como o próprio Monomotapa. Assim sendo, ambos viveriam em disputa permanente pela hegemonia política do império. Não admira, pois, que os sertões de Sofala padecessem de tôdas as resultantes advindas da instabilidade político-militar que tanto afligia Alcaçova, pelo prejuízo que acarretava ao tráfico do ouro. As lutas pela supremacia política do império geravam, como não podia deixar de ser, enorme retração dos resgates.

Nos campos auríferos de Butua, em pleno sertão, os pioneiros portugueses encontraram uma enigmática fortaleza de forma retangular e de acabada construção de cantaria, cujas grossas paredes tinham mais de 25 palmos de largura. Nas proximidades das

---

(47). — “E quando, senhor, a terra estava de paz tiravam de Cofala cada hum anno... hum mylham douro e as vezes hum mjilham e trezentos mill myticaes douro...”. (Carta..., pág. 155).

(48). — Em 1505 Pero da Naja já havia edificado uma fortaleza militar em Sofala, à semelhança do que Azambuja fizera na Mina, destinada a garantir os resgates que o sagaz Sancho de Tovar inaugurara (Cf. Corrêa — *Lendas...*, t. I, pág. 198; Góis — *Crônica...*, P. I, cap. IX, pág. 137; Barros — *Década I*, L. V, cap. IX, pág. 215; Castanheda — *Descobrimento...*, L. I, cap. XLII, pág. 93; Relação do Pilôto Anônimo, cap. LXXXI, pág. 328, in Souza, T. O. Marcondes de Souza — *O Descobrimento do Brasil*, São Paulo, 1946.

(49). — Veja-se o mapa.

(50). — *Crônica...*, P. II, cap. X, pág. 31.

(51). — Cf. *Carta...*, in *loc. cit.*

(52). — Vide mapa.

(53). — *Op. cit.*, pág. 20.

misteriosas ruínas havia outros edifícios menores mas obedecendo ao mesmo plano, em que a pedra dominava como material de construção. Esses discutidos edifícios, miradouros dos campos auríferos do Monomotapa, constituem o que conhecemos hoje por Zimbaoé, cujas origens são ainda problema de arqueologia histórica. Labouret (54) acha que o Zimbaoé, cujas construções remontariam ao século IX, é de origem essencialmente africana. A semelhança da arquitetura e distribuição dos edifícios com as construções de Acaxurno, na Abissínia, faz crer que teria sido uma fortaleza da rainha de Sabá. As minas pertenceriam aos príncipes da Etiópia. Ao sul do Zambeze, na vasta área aurífera, os etíopes teriam construído fortificações militares para se assegurarem dos ricos depósitos de ouro, à maneira do que os portugueses fizeram em Arguim, na Mina e em Solafa, três nós dramáticos dos resgates do ouro africano.

De fato, não custa crer, doada a proximidade dos empórios do Alto Egito, que caravanas de mercadores etíopes descessem do vale do Nilo ao do Zambeze, com o claro intento de organizarem o trato do ouro nas ricas terras do Monomotapa. A segurança do tráfico exigiria, então, como alude o cronista Barros (55), a construção de fortificações militares à semelhança do que a Corôa portuguesa fez em ambas as costas da África e na Índia — feitorias comerciais protegidas por castelos.

Afigura-se-nos plausível o informe do cronista Barros. As minas do Zimbaoé bem podiam ser antigas feitorias da rainha de Sabá e do famoso rei Salomão que teriam nos ricos depósitos auríferos do Monomotapa uma magnífica retaguarda econômica imprescindível à grandeza imperial. Sagazes mercadores estabelecidos nos sertões de Sofala desceriam o Zambeze até ao Índico, navegando, a seguir, pela costa da Etiópia até alcançarem as praias do Mar Vermelho que confinam com as terras do Egito e da Arábia. Dali o precioso metal amarelo entraria em duas pistas caravaneyras: uma que levaria à luxuosa côrte da rainha de Sabá; outra que iria das praias da Arábia até Jerusalém (56).

No comêço do século XVI, quando os primeiros portugueses entraram em contacto com o Monomotapa, as ruínas do Zimbaoé constituiriam, então, um misto de armazéns, fortalezas e templos, onde se teriam guardado toneladas de ouro através dos séculos. A côrte do famoso potentado negro ficaria, então, no Zimbaoé, ca-

(54). — *Op. cit.*, pág. 97.

(55). — Déc. I, L. X, cap. I, págs. 392 e segs.

(56). — Cf. Santos, Frei J. dos — *op. cit.*, v. I, L. II, cap. XI, págs. 202 e segs.; Cap. XII, págs. 206 e segs.; Paiva y Pona — *op. cit.*, pág. 8; Gonçalves, J. — *Os portugueses e as minas do Monomotapa (História duma expedição a Manica em 1891)*, pág. 507, in Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa, Série 68, n.ºs 9 e 10, setembro-outubro, 1950.

pital do império. Ali viveria o poderoso Monomotapa com o seu “harém”, cujas mulheres estavam sob a guarda atenta de um alcaide-mor conhecido por Simbacaio, capitão da inteira confiança do imperador. Em cada um dos edifícios do Zimbaoé, o Monomotapa tinha capitães encarregados da segurança do trono e defesa dos campos auríferos (57).

O Zimbaoé (58) ficava a 170 léguas de Sofala (59). A região era banhada por diversos tributários do Zambeze, principal via de acesso para as minas (60).

Sabe-se que o capitão-mor do Monomotapa, quando os portugueses entraram em contacto com a terra, era o régulo de Inhacouce, cuja povoação ficava a 12 dias de Sofala. Ali, em pleno sertão, se organizavam tôdas as segundas-feiras grandes mercados onde traficavam os espertos negociantes muçulmanos, verdadeiros caixeiros viajantes dos plutocratas árabes do Mar Vermelho e do Gôlfo Pérsico. No reino de Inhacouce não havia outra moeda a não ser ouro, a melhor forma de pagamento dos panos e contas de Cambaia (61).

A quatro dias de Inhacouce, bem no coração do Monomotapa, ficava o reino de Auçoca, cujo régulo era senhor de ricas minas de ouro. Nas terras de Auçoca só havia ouro. Todos os víveres e roupas eram importados. O rico metal amarelo dava coberturas para tudo. O gênero de vida era a mineração. Os cafres eram obrigados a entregar ao rei a metade do ouro minerado (62).

Idêntica tributação encontraram os pioneiros portugueses no reino de Mazói, cujas terras auríferas se estendiam ao longo do rio do mesmo nome, tributário do Zambeze (63). O Mazói ficava ao norte dos reinos de Botonga e Barue, cujas formações geológicas continham igualmente depósitos de ouro (64).

O precioso metal amarelo surgia por todos os lados, em quartzos, lamas e areias. A técnica mineira dos cafres era, é claro, a mais rudimentar. Os indígenas cavavam a terra ao longo das ri-

---

(57). — Barros — Década I, L. X, cap. I, pág. 394; Góis — *Crônica...*, P. II, cap. X, pág. 32.

(58). — São enormes os mistérios que ainda hoje envolvem o Zimbaoé. As opiniões são as mais desencontradas (Cf. R. N. Hall e W. J. Neal — *The ancient Ruins of Rhodesia*, Londres, 1902; R. N. Hall — *Pre-Historic Rhodesia*, Londres, 1909; Theal, G. Mac Call — *History of Africa South of the Zambezi*, Londres, 1909; Thomson, G. C. — *The Zimbabwe culture, ruins and excavations*, Oxford, 1929; Wilmot, A. — *Monomotapa its monuments and its history*, Londres, 1896; Schlichter, H. — *Travels and researches in Rhodesia*, in *Geographical Journal*, V. XIII, n.º 4, págs. 390 e segs., abril, Londres, 1899.

(59). — Barros — Década I, L. X, cap. I, págs. 394 e segs.

(60). — Vide mapa.

(61). — Cf. Carta de Veloso..., pág. 20, in *loc. cit.*

(62). — “tira muyto ouro em toda sua tra e nã tem outra cousa e quem no tira paga ao Rey o meyo e todollos mantimentos vem de fora” (*Ibidem*).

(63). — Veja-se o mapa.

(64). — Cf. Bocarro — Déc. 13 da Índia, pág. 637; Carta de Veloso..., pág. 20.

beiras e lagoas. Transportadas para determinadas poços de água, as rochas eram lavadas até o metal ficar isolado nos fundos. Havia ainda o ouro em veios, cuja extração se fazia depois da abertura de galerias. O trabalho de sapa era feito pelos cafres que cavavam a terra até encontrar os filões auríferos. Recolhida a mistura, ferviam-na em grandes panelas. Esfriado e cozido o ouro era, então, separado das argilas e quartzos. O ouro abundava. No tempo das chuvas, ao longo dos rios, os indígenas recolhiam lascas de ouro que a corrente punha a descoberto. Esse ouro em lascas era o mais fino. Havia ainda o ouro em pó, em grãos e em pedras, que os cafres chamavam “ouro de matuca”, e que era de menor quilate (65).

Essa imensa concentração de riqueza aurífera nas mãos de uma comunidade de limitado desenvolvimento econômico e de fraca resistência político-militar foi, sem dúvida, o movel mais profundo dos imperialismos muçulmano e português em direção aos ignotos sertões de Sofala.

Quando D. Manuel, depois de assentar em sólidas linhas as rotas da Mina e do Cabo, apregoou, de acôrdo com as suas necessidades de momento e no apogeu do seu domínio, a necessidade de combater no Oriente a expansão do Islão, para glória da fé católica, não se esqueceu de enunciar, à semelhança do que João Afonso fizera nas vésperas do assalto a Ceuta, as tradicionais riquezas do Monomotapa. O ouro da África índica aparecia, então, a um império em franco crescimento, como a seiva vivificadora para ulteriores empreendimentos. Portugal, súbitamente alargado até aos empórios afro-asiáticos, encontraria no ouro do Monomotapa novas forças necessárias à sua transformação orgânica, de acôrdo com as possibilidades geográficas e econômicas de expansão do seu capitalismo monárquico.

#### MANUEL NUNES DIAS

Assistente da Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

---

(65). — Santos, Frei J. dos — *op. cit.*, v. I, L. II, cap. XII, págs. 206 e segs.; Carta de Voloso..., pág. 154.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA.

### *Fontes.*

#### a). — *Mapas.*

Fac-simile de uma carta inédita manuscrita dos fins do século XVII referente ao império do Monomotapa existente na secção de Geografia da Biblioteca Nacional de Paris. Cópia guardada no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa.

Zambezia e Sofalla — mapa coordenado sobre numerosos documentos antigos e modernos, portugueses e estrangeiros, pelo Visc. de Sá da Bandeira, 1861. Veja-se cópia in Arquivo Histórico Ultramarino.

#### b). — *Documentos manuscritos e impressos.*

Carta de Diogo de Alcaçova a D. Manuel, datada de Cochim a 20 de novembro de 1506, guardada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, Maço 5, n.º 118, e transcrita in Alguns Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo Acerca das Navegações e Conquistas Portuguezas, págs. 153 e segs., Lisboa, 1892.

Carta de Gaspar Veloso a D. Manuel, datada de Sofala em 1515, in Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Cartas dos Vice-Reis da Índia, P. I-262. Este precioso documento acha-se transcrito in Tracey, H. — *António Fernandes descobridor do Monomotapa* (1514-1515), págs. 20 e segs., trad. port., ed. do Arquivo Histórico de Moçambique, 1940.

Discurso sobre a conquista das minas do Monomotapa, in Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 8a. Série, n.ºs. 9 e 10, 1888-1889. O documento, sem data, acha-se assinado por Manuel César Pereira.

Relação do Piloto Anônimo, in Souza, T. O. Marcondes de — *O descobrimento do Brasil*, São Paulo, 1946.

#### c). — *Crônicas.*

Barros, J. de — *Ásia*, I Década, Lisboa, 1945

Bocarro, A. — *Década 13 da História da Índia*, 2 vols., Lisboa, 1876.

Castanheda, F. L. de — *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*, L. I, Coimbra, 1924.

Correa, G. — *Lendas da Índia*, t. I, Lisboa, 1858

Góis, D. de — *Crônica do felicíssimo rei D. Manuel*, P. II, Coimbra, 1926.

Santos, Frei J. dos — *Ethiopia Oriental*, vol. I, Lisboa, 1891.

*Bibliografia.*

- FOURNIER, J. — *Les indes jusqu'a a l'arrivée d'Albuquerque*, in Jacques Lacour-Gayet, *Histoire du Commerce*, t. III, ed. SPID, 1953.
- GONÇALVES, J. — *Os portugueses e as minas do Monomotapa (História duma expedição a Manica em 1891)*, in *Boletim da Soc. de Geog. de Lisboa*, Série 68, n.ºs 9 e 10, setembro-outubro, 1950.
- HALL (R. N.) — NEAL (W. J.) — *The ancient Ruins of Rhodesia*, Londres, 1902.
- HALL, R. N. — *Pre-Historic Rhodesia*, Londres, 1909.
- HESTERMANN, F. — *Die Deutsche Afrikanistik*, Hamburgo, 1929.
- LABOURET, H. — *L'échange et le commerce dans les archipels du Pacifique et en Afrique Tropical*, in Jacques Lacour-Gayet, *Histoire du Commerce*, t. III, ed. SPID, 1953.
- LEMOSSE, M. — *Le commerce antique jusqu'aux invasions arabes*, ibidem, t. II, 1950.
- MAURETTE, F. — *Africa Ecuatorial, Oriental y Austral*, t. XVI da trad. esp. da Geog. Universal de P. Vidal De La Blache e L. Gallois, Barcelona, 1948.
- MOLEMA, S. M. — *The Bantu, Past and Present*, Edimburgo, 1920.
- PAIVA y PONA, A. P. de — *Dos primeiros trabalhos dos portugueses no Monomotapa*, Lisboa, 1892.
- SCHLICHTER, H. — *Travels and researches in Rhodesia* in *Geographical Journal*, v. XIII, n.º 4, abril, Londres, 1899.
- THEAL, G. M. — *History of Africa South of the Zambezi*, Londres, 1909; *The Portuguese in South Africa*, Cape Town, 1896.
- THOMSON, G. C. — *The Zimbabwe culture, ruins and excavations*, Oxford, 1929.
- TORRES, J. — *Esbôço de estudo da penetração portuguesa na África Oriental no século XVI*, in I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, 4a. secção, Lisboa, 1938.
- TRACEY, H. — *António Fernandes descobridor do Monomotapa (1514-1515)*, trad. port. ed. do Arquivo Histórico de Moçambique, 1940.
- VINCENT, W. — *The Periplus of the Erythrean Sea*, v. I, Londres, 1800.
- WELCH, S. R. — *South Africa under King Manuel*, Cape Town, 1943.
- WILMOT, A. — *Monomotapa its monuments and its history*, Londres, 1896.